



**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAMETRO  
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**ULIELMA MACHADO MALVEIRA**

**COMO OCORRE O ROMPIMENTO E A PERMANÊNCIA DO RELACIONAMENTO  
ABUSIVO EM MULHERES?**

**FORTALEZA**

**2020**

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAMETRO  
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ULIELMA MACHADO MALVEIRA

COMO OCORRE O ROMPIMENTO E A PERMANÊNCIA DO RELACIONAMENTO  
ABUSIVO EM MULHERES?

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do Centro Universitário – FAMETRO - como requisito para a Conclusão do Curso de Psicologia. Sob a orientação do Profa. Dra. Sara Guerra Carvalho de Almeida.

FORTALEZA

2020

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAMETRO  
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ULIELMA MACHADO MALVEIRA

COMO OCORRE O ROMPIMENTO E A PERMANÊNCIA DO RELACIONAMENTO  
ABUSIVO EM MULHERES?

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do Centro Universitário – FAMETRO - como requisito para a Conclusão do Curso de Psicologia. Sob a orientação do Profa. Dra. Sara Guerra Carvalho de Almeida.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Sara Guerra Carvalho de Almeida  
Orientadora – Centro Universitário Fametro- UNIFAMETRO

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Zelfa Feitosa  
Membro – Centro Universitário Fametro- UNIFAMETRO

---

Prof<sup>ª</sup>. M<sup>a</sup>. Ticiania Siqueira Ferreira  
Membro – Centro Universitário Fametro- UNIFAMETRO

---

M262c Malveira, Ulielma Machado.

Como ocorre o rompimento e a permanência do relacionamento abusivo em mulheres? /  
Ulielma Machado Malveira. – Fortaleza, 2020.

25 f. ; 30 cm.

Monografia – Curso de Psicologia do Centro Universitário Fametro, Fortaleza, 2020.

Orientação: Profa. Dra. Sara Guerra Carvalho de Almeida.

1. Mulheres – Violência doméstica. 2. Relacionamento abusivo. 3. Psicologia. I. Título.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer a mim por ter tido a determinação de não desistir da faculdade e de ter me engajado até o fim nessa pesquisa e me empoderado sobre o tema, descontruindo, cada vez mais, até o fim essa temática. Tal temática que tive contato desde muito nova pela relação dos meus pais.

Quero dedicar também esse trabalho a minha mãe Telma, meu padrinho Hosanan, minha madrinha Gressy e a minha avó Hosana, por todo o incentivo ao longo desses cinco anos e meio, seja por meio de palavras, seja pelo financeiro.

Quero agradecer principalmente ao meu namorado, agora então, ex-namorado e amigo, João Lucas, por ter sido o principal apoiador ao longo desses 10 anos de relação e ao longo desses 5 anos e meio de faculdade, o qual esteve comigo nos piores e nos melhores momentos e sempre me ajudando em tudo que estava ao seu alcance. Me ensinou muita coisa nesses anos todos e uma delas é que laço familiar, não precisa ser só o de sangue e sou grata ainda por todo amor incondicional que teve e ainda tem por mim.

À minha orientadora Sara Guerra, por ter aceitado me orientar nessa pesquisa com toda a calma e profissionalismo que só ela tem em meio a tantos problemas que estamos passando. Agradeço por ter visto em mim, mesmo com meu comportamento mais distante e mais tímido o quanto eu te admiro e tenho um carinho enorme por você. Obrigada, por todos os ensinamentos.

À minha professora Ticiania Siqueira, que desde os primeiros semestres me fez despertar o amor pela psicologia comportamental e, mesmo sem ela saber, foi um exemplo para mim de profissionalismo e tem minha admiração por todos esses anos. Agradeço nossa relação estagiária e supervisora ter sido tão maravilhosa.

À minha psicóloga Brenna Damasceno, por ter acolhido todas as minhas angústias e inseguranças ao longo de todo o processo de graduação e de escrita. Sempre buscando me mostrar minhas potencialidades e o que eu poderia fazer com elas.

E por último, porém não menos importante, aos meus amigos com os quais criei laços para fora dos muros da faculdade e também aos meus amigos de vida que sempre me deram apoio incondicional e exaltaram tudo de melhor em mim, como pessoa e como profissional que eu vou ser. Não vou citar nomes, porque posso esquecer alguém. Mas, meu muito obrigada por todo o apoio, pelo amor e pela amizade de sempre.

## RESUMO

O presente trabalho objetiva discutir sobre os fatores psicossociais da violência doméstica: da permanência ao rompimento do ciclo. Sobre a metodologia, trata-se de uma revisão integrativa, definiu-se como por que uma mulher dá continuidade a uma relação violenta, mesmo depois de já ter constatado que o ciclo é repetitivo, que as promessas não se cumprem e que as fases de lua-de-mel são invariavelmente sucedidas por outro período de tensão e de explosão de violência? para a revisão: os fatores psicossociais do relacionamento abusivo: da permanência ao rompimento do ciclo. A partir daí, realizou-se a busca por artigos publicados em Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PEPSIC), Scielo, psycinfo e BVS em português, inglês e espanhol. A relação abusiva, na sua fase inicial, é caracterizada por comportamentos de posse e de ciúmes, através dos quais o parceiro procura controlar o cotidiano da vítima. Enquanto possíveis causas para a perpetração da violência, as vítimas identificam, em conjunto com os ciúmes, as características psicológicas, as patologias e os comportamentos aditivos. A escalada da violência (ou o medo dela), a necessidade sentida de quebrar o medo, uma primeira agressão física ou um episódio mais intenso, bem como a existência de filhos são os motivos apontados como triggers para a vítima efetuar uma denúncia formal da situação de mártir. Acerca do retorno a uma relação abusiva é motivado pelo medo, dependência emocional, pedidos de desculpas por parte do agressor e pela solidão sentida. A violência doméstica e familiar contra a mulher, especificamente a abordagem sobre relacionamento abusivo, é um fenômeno que pode acarretar diversos prejuízos, não se restringindo a determinada raça, classe social, etnia, escolaridade, idade. O estudo se divide em 2 capítulos que perpassam os fatores psicossociais do relacionamento abusivo desde a permanência ao rompimento do ciclo; os vínculos familiares; a reinserção comunitária e o processo de reintegração através da profissionalização e da religião; os relacionamentos abusivos; e, por fim, o serviço de psicologia no atendimento às mulheres vítimas de violência doméstica. Consiste na prática de atos maléficos perpetrados por sujeitos que tem uma relação de afetividade com a vítima. Conclui-se que a violência contra a mulher é um persistente fenômeno histórico, social e cultural, que ainda hoje viola alguns direitos considerados inalienáveis ao ser humano, como o respeito à dignidade e à vida.

**Palavras-chave:** Relacionamento Abusivo. Violência Doméstica. Psicologia. Violência contra a mulher.

## ABSTRACT

This paper aims to discuss the psychosocial factors of domestic violence: from permanence to breaking the cycle. Regarding the methodology, it is an integrative review, it was defined as why a woman continues a violent relationship, even after having already verified that the cycle is repetitive, that the promises are not kept and that the phases of honeymoons are invariably followed by another period of tension and explosion of violence? for review: the psychosocial factors of the abusive relationship: from permanence to breaking the cycle. From then on, the search for articles published in Electronic Psychology Journals (PEPSIC), Scielo, psycinfo and VHL in Portuguese, English and Spanish was carried out. The abusive relationship, in its initial phase, is characterized by possession and jealous behaviors, through which the partner seeks to control the victim's daily life. As possible causes for the perpetration of violence, victims identify, together with jealousy, psychological characteristics, pathologies and addictive behaviors. The escalation of violence (or the fear of it), the felt need to break the fear, a first physical aggression or a more intense episode, as well as the existence of children are the reasons pointed out as triggers for the victim to formally report the situation of martyr. About returning to an abusive relationship is motivated by fear, emotional dependence, apologies by the aggressor and the loneliness felt. Domestic and family violence against women, specifically the approach on abusive relationships, is a phenomenon that can cause several losses, not being restricted to a specific race, social class, ethnicity, education, age. The study is divided into 2 chapters that go through the psychosocial factors of the abusive relationship, from permanence to breaking the cycle; family bonds; community reintegration and the process of reintegration through professionalization and religion; abusive relationships; and, finally, the psychology service to assist women victims of domestic violence. It consists of the practice of harmful acts perpetrated by subjects who have an affective relationship with the victim. It is concluded that violence against women is a persistent historical, social and cultural phenomenon, which even today violates some rights considered inalienable to human beings, such as respect for dignity and life.

**Keywords:** Abusive relationship. Domestic violence. Psychology. Violence against women.

## **LISTAS DE ABREVIATURAS**

**OMS – Organização Mundial da Saúde**

**SISAN – Sistema de Informação Agravos de Notificações**

**SUS – Sistema Único de saúde**

**PEPSIC – Periódicos Eletrônicos de Psicologia.**

**CEP – Conselho Federal de Psicologia**

**CREPOP - Centro de Referência Técnica em Psicologia e Política Pública**

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>12</b>
<b>2.1</b>	<b>Tipo de estudo</b> .....	<b>12</b>
<b>2.2</b>	<b>Instrumentos de Coleta de Dados</b> .....	<b>13</b>
<b>2.2.1</b>	<i>Descrição Da Questão De Pesquisa</i> .....	<b>13</b>
<b>2.2.2</b>	<i>Pesquisa Na Literatura Existente</i> .....	<b>14</b>
<b>2.2.3</b>	<i>Categorização Dos Estudos</i> .....	<b>15</b>
<b>2.2.4</b>	<i>Análise Dos Dados Encontrados</i> .....	<b>15</b>
<b>2.2.5</b>	<i>Discussão acerca dos resultados</i> .....	<b>15</b>
<b>2.2.6</b>	<i>Conclusão da revisão de literatura</i> .....	<b>15</b>
<b>3</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	<b>16</b>
<b>3.1</b>	<b>Relacionamentos abusivos: do ciclo ao rompimento</b> .....	<b>16</b>
<b>3.2</b>	<b>O serviço de psicologia no atendimento às mulheres vítimas de violência doméstica</b> .....	<b>20</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>23</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>24</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Relacionamento abusivo trata-se daquele em que há a presença de violência e de diversos desdobramentos de maneira natural, cotidiana e institucional. A violência nas relações afetivas tem sido uma grande preocupação para a Psicologia e demais ciências humanas.

As relações abusivas contra parceiros íntimos ocorrem entre cônjuges, amásios, namorados, amantes, ex-namorados, ex-cônjuges, sendo mais frequentes em mulheres do que em homens, assim as aquelas são mantidas de maneira submissa a relação, podendo ocorrer contra homens, entretanto com menor periodicidade (LEÃO, 2017).

A violência contra a mulher é um fenômeno social que ocorre em diversos âmbitos, sendo o principal deles o doméstico, caracterizado pelo abuso físico ou psicológico de um integrante do núcleo familiar em relação a outro, com o intuito de manter o poder ou o controle (FARIA, 2016). Essa violação decorre da ideologia imposta pela sociedade patriarcal, na qual a mulher deve ser totalmente submissa ao poder masculino.

A violência doméstica é um tema, cada vez mais atual em todo o mundo, porque é progressivamente discutido na sociedade, assim como estudado em diferentes áreas de conhecimento. Trata-se de todo tipo de violência cometida por pessoas que estejam envolvidas afetivamente e convivam com a vítima, tal violência ocorre em um âmbito privado, tem alta prevalência e é considerado como um problema de saúde pública e de violação de direitos humanos (BITTAR; KOHLSDORF, 2013).

Nas últimas quatro décadas, diversas nomenclaturas foram utilizadas para demarcar essa violência, tais como: violência contra a mulher; (violência) doméstica e familiar; de gênero; conjugal, por exemplo. No presente artigo, adota-se o conceito os fatores psicossociais do relacionamento abusivo: da permanência ao rompimento do ciclo.

Portanto, permanece a questão: Como os fatores psicossociais da violência doméstica: da permanência ao rompimento do ciclo?

Em 2015, o Mapa da Violência teve como perspectiva a análise dos feminicídios. Entre os anos de 2003 a 2013, o número de vítimas do sexo feminino foi crescente, passando de 3.937 para 4.762, o que significa 13 assassinatos diários de mulheres. Em um grupo homogêneo de 83 países, a Organização Mundial de Saúde (OMS) situou o Brasil como o 5º no ranking de homicídios praticados contra mulheres. Os principais agressores dessas mulheres são os parceiros ou ex-parceiros.

Segundo o mapa da violência de 2015, no ano de 2014, duas em cada três vítimas de violência no Brasil eram mulheres. A pesquisa ainda disponibiliza uma ideia do agente da

agressão, mostrando que na idade jovem e adulta, metade das agressões sofridas pelas mulheres brasileiras são cometidas por um cônjuge, namorado ou ex. Segundo a mesma pesquisa, no ano referido, a cada dia 405 mulheres necessitaram de atendimento médico em uma unidade básica de saúde (WAISELFISZ, 2015).

No Brasil, foi realizada uma pesquisa conduzida por Énois I Inteligência Jovem (2015), em parceria com o Instituto Vladimir Herzog e o Instituto Patrícia Galvão e pesquisas realizadas pelo Instituto Avon (2013), disponíveis em *websites* de suporte a vítimas de relacionamentos abusivos – um norte americano, *Love is Respect* (2016) e um nacional inspirado nele, cujo nome é Livre de Abuso (2016) com cerca de 2300 meninas com idades entre 14 e 24 anos de diversas regiões do país. Foi possível inferir os seguintes dados estatísticos: cerca de 75% das entrevistadas confirmaram ter recebido tratamento diferenciado em sua criação por serem mulheres; 77% creem que o machismo atrapalhou de alguma maneira o seu desenvolvimento e mais de 90% já deixaram de fazer algumas atividades por medo da violência de gênero.

Segundo dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sisan) do Ministério da Saúde, que registra os atendimentos do Sistema Único de Saúde (SUS) no campo das violências, em todas as idades, até os 59 anos, os atendimentos femininos superam os masculinos (WAISELFISZ, 2015).

Já o Mapa da Violência de 2015 revelou que, entre os anos 2003 e 2013, houve um aumento significativo de 21% no número de mulheres vítimas fatais da violência dentro de relacionamentos, passando de 3.937 mortes em 2003 para 4.762 em 2013. Um assustador número de 13 homicídios femininos por dia para a década considera (WAISELFISZ, 2015).

Tendo como parâmetro alguns atendimentos na perspectiva dos relacionamentos abusivos, o número de mulheres em relacionamentos homoafetivos que descreveram a parceira como abusadora foi bem menor se comparado ao número de mulheres que sofriam com comportamentos violentos dos seus namorados ou maridos.

A Lei 13.104/15, intitulada Lei do Femicídio, foi criada com o propósito de tentar reduzir as taxas de homicídio praticado contra a mulher no Brasil. Olhando em uma perspectiva histórica, verifica-se que as mulheres sempre tiveram um papel inferiorizado perante os homens e o patriarcado, sendo que tal desigualdade coloca a mulher como objeto de dominação e do interesse dos homens. Destarte, para assegurar posições de poder e de superioridade, não é incomum que o sistema social recorra ao uso da violência em suas variáveis formas.

Conforme Silva (2015, p. 1), acerca da diferenciação de Femicídio e Feminicídio:

Enquanto feminicídio é o homicídio de mulher, por motivo de gênero – por ser a vítima do sexo feminino, envolvendo ódio ou menosprezo por sua condição. Dessa forma, será qualificado o homicídio quando praticado contra a mulher por razões da condição de sexo feminino (art. 121, § 2º inc. VI, CP). E o § 2º-A do art. 121 do CP dispõe que: — Considera-se que há razões de condição de sexo feminino quando o crime envolve: I – violência doméstica e familiar; II – menosprezo ou discriminação condição de mulher. Com efeito, não é qualquer homicídio de mulher que será considerado feminicídio. O crime deverá se enquadrar nas hipóteses dos artigos 5º e 7º da Lei nº 11.340/2006, mais conhecida como —Lei Maria da Penha, ou quando houver menoscabo ou discriminação da mulher em razão de seu gênero. Depreende-se dos citados dispositivos da Lei Maria da Penha, que são várias as formas de violência doméstica ou familiar contra a mulher. E o artigo 7º diz expressamente que essas formas são meramente exemplificativas, podendo existir outras não previstas na lei especial.

Depreende-se disso que não é apenas o homicídio contra a mulher para se caracterizar feminicídio, tem que se enquadrar nas características impostas pela lei.

A violência contra mulheres se refere ao uso da força física e à ideia de submissão, culturalmente impregnada nas relações de gênero, na qual o homem comporta-se como ser dominante e a mulher um ser inferior e se caracteriza por danos à saúde física e mental da vítima (SILVA *et al.*, 2015).

Tem-se como objetivo geral nesse estudo analisar os fatores psicossociais para permanência e para o rompimento no ciclo do relacionamento abusivo e como específicos: compreender aspectos que desencadeiam a consciência de que estão em um relacionamento abusivo; apontar aspectos psicossociais que desencadeiam no rompimento do relacionamento abusivo; e investigar os fatores psicossociais atrelados a permanência e rompimento abusivo.

Para que as pessoas que estão nesse ciclo torne-se necessário sair dele, pois esses casos de violência trazem sérios impactos para a saúde, a tendência social é culpabilizar e questionar quem sofre o abuso, contudo, a percepção do relacionamento como abusivo é difícil e, quando isso ocorre outros fatores estão agregados.

A violência e a sua relação com o poder são notáveis, quando analisamos os relacionamentos abusivos. Barretto (2015) definiu esses relacionamentos como aqueles em que há excesso de poder e de controle, culminando no sentimento de posse, na objetificação do outro. Na perspectiva da autora, os relacionamentos abusivos iniciam de modo sutil e podem ultrapassar os limites do que se constitui como “sadio”.

As consequências psicológicas do abuso são mais graves que seus efeitos físicos, pois diminuem a autoestima da mulher, levando-a a um risco mais elevado de problemas mentais, como depressão, fobia, estresse pós-traumático, tendências ao suicídio e consumo abusivo de substâncias.

Essa pesquisa será de suma importância para contribuir com a discussão dos números de casos de depressão em mulheres que passaram por relacionamentos abusivos, de maneira que essas mulheres se fortaleçam e conheçam mais sobre si, sobre suas potencialidades e sobre suas debilidades, e isso influenciará a maneira de verem o mundo e suas vidas.

|

## 2 METODOLOGIA

### 2.1 Tipo de estudo

O estudo em questão trata-se de uma Revisão Integrativa, em que se deu por meio de pesquisa literária de caráter narrativo e descritivo. Durante a realização desse estudo, para melhor compreensão do tema, foi aplicada a pesquisa bibliográfica que segundo Gil (2010) é concebida com base no material já elaborado, constituído principalmente de livros, de artigos científicos, de materiais disponíveis na internet, compreendendo uma revisão de literatura.

Trata-se de uma revisão integrativa, a questão de pesquisa por que uma mulher dá continuidade a uma relação violenta, mesmo depois de já ter constatado que o ciclo é repetitivo, que as promessas não se cumprem e que as fases de lua-de-mel são invariavelmente sucedidas por outro período de tensão e de explosão de violência? definida para a revisão foi: os fatores psicossociais do relacionamento abusivo: da permanência ao rompimento do ciclo. Foi realizada a busca de artigos publicados até Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PEPSIC), Scielo, psycinfo e BVS em português, inglês e espanhol.

Considerando que o tema proposto invoca dispositivos legais para o seu desenvolvimento, a pesquisa será de cunho bibliográfica, sendo, portanto, com trabalhos que já foram estudados, pesquisados e publicados, para então se dirigir às conclusões particulares e específicas do mesmo.

Segundo Lakatos (2010), a metodologia constitui uma das etapas mais concretas da investigação, com finalidade mais restrita em termos de explicação geral dos fenômenos menos abstratos. Pressupõem uma atitude concreta em relação ao fenômeno e estão limitadas a um domínio particular.

Ao iniciarmos essa revisão integrativa no âmbito de uma investigação acerca do tema, percebemos a importância dos principais determinantes dessas mesmas necessidades.

Pesquisamos nas bases de dados, algumas publicações especializadas de relevo nacionais. Consultamos ainda o repositório disponível de algumas universidades nacionais. Selecionamos alguns estudos sobre o tema do trabalho. Foram analisados, então, 13 artigos, monografias, 4 dissertações.

Selecionou-se apenas a bibliografia já tornada pública em relação ao assunto de estudo, com a finalidade de legitimar suas autorias e referenciá-las ao final desse trabalho.

A metodologia utilizada para a elaboração desse trabalho foi à Revisão Integrativa, assim como a webliografia (Bibliografia de *sites* utilizados em uma pesquisa ou estudo, usufruindo de alguma informação ou auxílio de um site, o mesmo seria citado na parte), no intuito de ampliar os conhecimentos acerca do tema escolhido, os livros de alguns autores, revistas, citações e artigos usados nortearam o desenvolvimento desse trabalho.

Após a leitura dos resumos dos vinte e três trabalhos, considerou-se aqueles que traziam como discussão sobre os fatores psicossociais do relacionamento abusivo: da permanência ao rompimento do ciclo.

## **2.2 Instrumentos de Coleta de Dados**

O trabalho foi desenvolvido no período de setembro de 2019 a junho de 2020. O presente trabalho tem como foco os fatores psicossociais do relacionamento abusivo: da permanência ao rompimento do ciclo.

### ***2.2.1 Descrição Da Questão De Pesquisa***

Na primeira etapa desse trabalho, foi necessário o uso da pesquisa bibliográfica para discutir o porquê da a permanência da mulher em relacionamentos abusivos.

Serão utilizados os seguintes descritores: Relacionamento abusivo; Violência doméstica; Psicologia; Violência contra a mulher; Dependência emocional. Serão utilizadas os seguintes descritores

### ***2.2.2 Pesquisa Na Literatura Existente***

Para a realização da pesquisa foi considerado um conjunto de variáveis necessárias e fundamentais para o desenvolvimento. Já durante o procedimento de busca na literatura existente, foram utilizados critérios de inclusão e de exclusão. A base de dados selecionada foi o portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PEPSIC) por se tratar de uma biblioteca virtual voltada a área da psicologia, as pesquisas foram realizadas no período de agosto a outubro de 2019.

Ao total foram encontrados vinte e três artigos, registrados no quadro a seguir:

Quadro 01 – Levantamento de artigos para a pesquisa

Base de Dados	Palavras-Chaves Cruzadas	Resultados
PEPSIC	Violência contra a mulher / Relacionamentos Abusivos/ Violência doméstica	08
	Relacionamentos Abusivos/ Psicologia	05
	Violência contra a mulher / Relacionamentos Abusivos/ Violência doméstica / Psicologia	05
	Violência contra a mulher / Violência doméstica / Psicologia	05
<b>TOTAL:</b>		<b>23</b>

Fonte: Elaboração da autora (2020).

Após a pesquisa, a leitura e o resumo dos 23 artigos, considerou-se aqueles que traziam como discussão o tema do trabalho: a permanência da mulher em relacionamentos abusivos. Ao final foram selecionados 19 para realização e conclusão do projeto.

### ***2.2.3 Categorização Dos Estudos***

Nessa terceira, etapa a utilização do método da revisão bibliográfica sistemática como forma de obter evidências para dar suporte ao aumento das intervenções e das informações científicas vem crescendo velozmente e ocupando o espaço das pesquisas primárias, no processo de tomadas de decisão nas ciências da saúde (EVANS; PEARSONS, 2001).

### ***2.2.4 Análise Dos Dados Encontrados***

Para o quarto estágio, a revisão integrativa da literatura é utilizada como método para o desenvolvimento da revisão da literatura. Esse procedimento foi escolhido por possibilitar a síntese e análise do conhecimento científico já produzido sobre o tema investigado. A construção da presente revisão integrativa se baseia principalmente nos estudos de Cooper

(1984), Ganong (1987), Broome (2006), Beyea e Nicoll (1998), Stetler et al. (1998) e Whitemore e Knafl (2005).

### ***2.2.5 Discussão acerca dos resultados***

O quinto estágio corresponde à fase de discussão dos principais resultados na pesquisa convencional. O revisor fundamentado nos resultados da avaliação crítica dos estudos incluídos realiza a comparação com o conhecimento teórico, a identificação de conclusões e de implicações resultantes da revisão integrativa (GALVÃO, 2003).

### ***2.2.6 Conclusão da revisão de literatura***

A sexta e última etapa consiste na elaboração do documento que deve contemplar a descrição das etapas percorridas pelo revisor e os principais resultados evidenciados da análise dos artigos incluídos. É um trabalho de extrema importância já que produz impacto devido ao acúmulo do conhecimento existente sobre a temática pesquisada (MENDES; GALVÃO, 2008).

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

#### 3.1 Relacionamentos abusivos: do ciclo ao rompimento

Relacionamentos abusivos podem ser caracterizados por relações em que haja vínculos íntimos afetivos entre a vítima e o agressor permeados por atos de violência psicológica, física e ou sexual, tendo como intenção manter controle sobre a vítima. Com a presença de laços marcados por repreensão à vítima, por distrações do controle, por persuasão, pelo zelo abundante, pela hostilidade, pela indiferença, dessa forma, nota-se que a relação abusiva tem como objetivo subordinar a vítima através de recursos emocionais (LEÃO, 2017).

Durante muitos anos, a mulher encarou a violência sofrida por ela como um fenômeno natural, principalmente quando acontecia na relação conjugal ou no ambiente doméstico, que, até pouco tempo, era vista como um problema da esfera privada, onde o Estado não poderia intervir, pois predominava a ideia de que: “em briga de marido e mulher ninguém mete a colher”. Através dos movimentos feministas, na década de 1970, a violência contra a mulher ganhou visibilidade e passou a ser tratada como um problema social, desmistificando o dito popular, pois, em briga de marido e mulher, o Estado mete a colher, sim (CORTIZO; GOYENECHE, 2015).

A violência contra a mulher se dá através de ações e de atitudes do homem, e pode assumir formas diferentes: psicológica, sexual, moral, patrimonial e física (BRASIL, 2012). Segundo a organização SOS Mulher e Família (2016), pessoas abusivas são frequentemente, sobreviventes de abuso, e o comportamento abusivo pode variar desde o abuso emocional, verbal, até o físico e ou sexual. Na maioria das vezes, uma pessoa abusiva emocionalmente é também abusiva verbalmente ou uma combinação dos tipos acima. Sinais de uma pessoa abusiva podem usualmente ser encontrados depois de alguns momentos no início da relação (SOS MULHER E FAMÍLIA, 2016).

A presença da violência nos relacionamentos afetivos vai depender de como cada parceiro subjetiva-se e subjetiva o outro na relação. Tal relacionamento é sustentado pela violência de gênero, que se caracteriza por qualquer ato que resulte em dano físico ou emocional, através do abuso de poder, numa relação pautada em desigualdade e assimetria entre os gêneros (OLIVEIRA, PAES, 2014).

A agressão física de autoria feminina é justificada por ser uma forma de revidar outra agressão vinda do masculino: “ele não queria que eu sáísse, aí ele me puxou e me deu um tapa (...) e eu também fui pra cima dele!”. Os tapas são o tipo de agressão física mais praticado pelas

meninas e precedem ou ocorrem concomitantemente às ameaças, às agressões verbais e comportamentos controladores. Essas agressões são consideradas banais, pois não trazem danos significativos aos seus parceiros (OLIVEIRA *et al.*, 2016)

As afirmações dos autores sobre a violência e sua relação com o poder são notáveis, quando analisamos os relacionamentos abusivos. Barretto (2015) definiu esses relacionamentos como aqueles em que há excesso de poder e de controle, culminando no sentimento de posse, na objetificação do outro. Na perspectiva da autora, os relacionamentos abusivos iniciam de modo sutil e podem ultrapassar os limites do que se constitui como “sadio”.

A violência psicológica é refletida como tendo como parâmetro os limites e regras de convivência, sendo complicadas não só sua identificação por terceiros como também a sua denúncia, visto que não possui materialidade. A violência verbal como extensão da violência psicológica é a que mais ocorre nas relações entre os jovens e enfatizam que a sua elevada frequência contribui para que esta seja banalizada, porque seria comum e aceitável em algumas situações (BESERRA *et al.*, 2016).

Dentre as causas, que colaboram com atos abusivos na relação, envolvem a reprodução de violência no ciclo familiar, a permanência da mulher na relação abusiva, as experiências de violência infantil como negligência, os abusos, as fantasias sobre o parceiro, o relacionamento como resolução de conflitos pessoais, os indícios de depressão, se sentir culpado ou culpada pelos atos abusivos sofridos, a privação de suporte como morada e do acesso à educação e à saúde, dentre outros (TELES *et al.*, 2018)

Para Sarah Ahmed (2015), reconhecer as ofensas sofridas é entrar no campo da vergonha, pois, segundo a autora, envergonhamo-nos ao reconhecermos que cometemos atos ou omissões. A autora descreve a vergonha como sendo “uma sensação intensa e dolorosa que está ligada com a maneira como eles se sentem sobre si mesmos, um sentimento que o corpo sente e sente nele.” (AHMED, 2015, p. 164), para essa autora, a vergonha imprime no corpo um sentimento de que a pessoa está contra si mesma.

As manifestações de atos abusivos podem ocorrer de diversas formas, como através da violência moral, patrimonial, física, psicológica e sexual, podendo culminar em homicídio. A violência moral inclui práticas que configure calúnia, injúria ou difamação, enquanto a violência patrimonial é compreendida como diminuição, contenção, aniquilamento de bens e de pertences (MARTINS; BARTILOTTI, 2015).

Há um círculo vicioso do abuso que comporta diferentes naturezas da violência e necessita ser quebrado. Um relacionamento tem o encantamento inicial, fase de idealização. No relacionamento abusivo, a tensão precede o encantamento e situações irrelevantes causam

“tempestades em copo d’água”, o abusado sente-se confuso ou culpado. Em seguida ocorrem as brigas, abusos verbais, emocionais e físicos. Comumente o sujeito abusador convence o seu alvo de que este último o fez perder a cabeça e busca apaziguar o ocorrido. A fase de lua de mel é então vivenciada e as juras de amor e promessas são constantes. As fases se reiniciam e se repetem inúmeras vezes até o sujeito abusado se dar conta de que, apesar dos entraves, necessita buscar apoio e quebrar esse ciclo. A violência contra a mulher normalmente é marcada por fases e funciona em ciclos.

Contudo, é importante assinalar, que nem todas as relações pautadas pela violência funcionam dessa maneira, embora esta seja a mais comum de ocorrer. O ciclo da violência é caracterizado por quatro fases que ocorrem de maneira repetitiva e tendem a se intensificar cada vez que se repetem, aumentando o risco da vítima ser gravemente ferida ou assassinada (SOARES, 2005; HYRIGOYEN, 2006).

A primeira fase do ciclo da violência é marcada pela tensão no relacionamento. O homem por sua vez, culpa a mulher por não estar satisfeito com sua própria vida e se utiliza dessa desculpa para responsabilizá-la pela violência cometida. A mulher, quando não consegue evitar a violência, sente-se culpada e responsável pela agressão sofrida, procurando não responsabilizar seu companheiro pelo ato cometido e internalizando as falas do autor (SOARES, 2005; HYRIGOYEN, 2006).

A segunda fase é caracterizada pela “explosão da violência”. É a fase de menor duração, porém de maior risco para a vítima. Nesta fase, o homem sente-se completamente superior a mulher, exercendo todo seu poder e força sobre ela. Para ele é como se uma tensão, que estava acumulada durante muito tempo, fosse liberada, sendo que a mulher dificilmente reage, devido ao medo e à culpa provocada pela violência psicológica sofrida na primeira fase do ciclo. Quando a mulher tenta reagir, a violência se agrava, já que o homem precisa manter o controle sobre ela (SOARES, 2005; HYRIGOYEN, 2006).

A terceira fase é caracterizada como “fase de desculpas”, na qual o homem admite sua responsabilidade pelo ato cometido e tenta diminuir a gravidade do seu comportamento pedindo perdão pelo que fez. No momento em que o homem tenta fazer com que o relacionamento não acabe ele está sendo sincero, contudo, isso não significa que ele promoverá mudanças em seu comportamento (HIRIGOYEN, 2006).

A quarta fase é conhecida como “Lua de Mel”, caracterizada pela reconciliação do casal. Essa fase só faz com que as mulheres se tornem mais resistentes às violências e tenham mais esperança que seus companheiros mudem, fazendo com que o ciclo recomece (SOARES, 2005; HYRIGOYEN, 2006).

Mesmo sofrendo violência contínua, grande parte das mulheres continuam com a relação abusiva durante um tempo, devido ao sentimento de esperança que possuem, no intuito de que seus parceiros irão mudar, acreditam ser uma situação transitória e não internalizada em sua personalidade.

Em geral a mulher depende da renda do abusador por estar desempregada ou por possuírem algum bem em comum, que serve de subsistência, há uma lógica consciente ou inconsciente capaz de justificar a sua permanência em um relacionamento abusivo. Nesse sentido, a permuta, o medo, a falta de recursos para a sobrevivência, dentre outros fatores emocionais são justificativas para a “submissão” feminina (MARQUES, 2015).

A Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres defende a constituição de uma rede de enfrentamento à violência contra mulheres para dar conta da complexidade do problema e a define, distinguindo-a de rede de atendimento, como atuação articulada entre as instituições/serviços governamentais, não governamentais e a comunidade, visando ao desenvolvimento de estratégias efetivas de prevenção e de políticas que garantam o empoderamento das mulheres e seus direitos humanos, a responsabilização dos agressores e a assistência qualificada às mulheres em situação de violência.

Já no que diz respeito à rede de atendimento, essa faz referência ao conjunto de ações e de serviços de diferentes setores (em especial, da assistência social, da justiça, da segurança pública e da saúde), visa à ampliação e à melhoria da qualidade do atendimento; à identificação e ao encaminhamento adequado das mulheres em situação de violência e à integralidade e humanização do atendimento (BRASIL, 2014, p.7).

A criação de protocolos e/ou fluxogramas orienta o profissional de saúde em seu momento de interlocução com a vítima nos serviços de emergência, contribuindo no processo de rompimento do ciclo de violência ao orientar o acolhimento e os encaminhamentos dentro da rede de enfrentamento à violência contra mulheres.

A violação dos direitos humanos das mulheres atravessa gerações e fronteiras geográficas e ignora diferenças de níveis de desenvolvimento socioeconômico. A violência está mais presente do que se imagina em diversas relações e acontece cotidianamente (INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO, 2016).

Com a temática dos RA sendo mais discutida na internet e o aumento do apoio de outras mulheres as discussões, fóruns e campanhas puderam ser mais organizadas e difundidas, viabilizando visibilidade e difusão dos feminismos e das mudanças nas convenções acerca do que pode ser classificado como violência (FACCHINI; FERREIRA, 2016).

### 3.2 O serviço de psicologia no atendimento às mulheres vítimas de violência doméstica

O psicólogo que atua no âmbito da violência conjugal deve ter como base para sua prática as referências teóricas e técnicas elaboradas pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP). Um aspecto importante mencionado em tais documentos é que o profissional deve conhecer a rede de atendimento local, bem como os problemas que ela enfrenta, respeitando as especificidades dos serviços e dos profissionais que dela participam (BATISTA *et al.*, 2017).

A violência doméstica é um fenômeno social, isso significa dizer, que não se pode reduzir essa problemática para o campo individual ou privado. Portanto, a atuação do profissional nessa área deve ter embasamento teórico tanto da psicologia social como também da psicologia clínica. De acordo com Dutra (2014), não se pode pensar no sujeito sem levar em consideração sua história de vida e o meio onde ele se insere. A partir desse ponto de vista, surgiu o conceito de clínica ampliada, com o intuito de ampliar as diversas formas de atuação do psicólogo clínico, bem como diversificar sua metodologia em diferentes espaços físicos.

O psicólogo exerce um papel muito importante na rede de serviços de atenção à mulher em situação de violência, conforme orientações do CREPOP em sua cartilha sobre Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas (os) em Programas de Atenção à Mulher em situação de Violência (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2012, p.64), seja para identificar os sinais de que uma mulher está em situação de violência, seja para avaliar as possibilidades de que a violência possa vir a ocorrer, a(o) psicóloga(o) deve sempre intervir no sentido de auxiliar a mulher a desenvolver condições para evitar ou superar a situação de violência, a partir do momento em que favorece o seu processo de tomada de consciência.

A psicoterapia se diferencia do atendimento psicossocial em grupo ou individual, pois, na psicoterapia, o principal objetivo é ampliar a consciência da significação dada pela vítima às agressões do parceiro, do processo de negação e de repressão de experiências, que podem acirrar o sofrimento e o conflito com o outro. Já na intervenção psicossocial o objetivo é empoderar a vítima para transformar ou sair da situação de violência, descobrindo formas de lutar pelos seus direitos, realizar seus desejos e objetivos de vida (TENÓRIO, 2012).

O psicólogo, independente, da abordagem ou do método escolhido para realizar esse tipo de atendimento, deverá primeiramente criar um “*rapport*”<sup>1</sup> e um vínculo terapêutico com

---

<sup>1</sup> “**rapport**” é um conceito do ramo da psicologia que significa uma técnica usada para criar uma ligação de sintonia e empatia com outra pessoa. Esta palavra tem origem no termo em francês *rapporter* que significa "trazer de volta".

a vítima, fazendo com que ela se sinta num ambiente seguro e confiável, pois, somente, dessa forma, ela conseguirá compartilhar as experiências vividas que lhe causaram sofrimento. (SOARES, 2005).

A Psicologia Social refuta a explicação da agressão em termos exclusivamente biológicos, visto que atos instintivos para a agressão não são coerentes com a ideia de a intenção do agente causar dano. Porém, isso não significa que ela negue qualquer influência de base biológica na deflagração do comportamento agressivo. Dentre muitos atos agressivos, a Psicologia Social reconhece a influência de alguns fatores biológicos na predisposição de certos indivíduos para a agressão (RODRIGUES; ASSMAR; JABLONSKI, 2001, p. 213).

O atendimento psicológico à mulher que foi vítima de violência doméstica é de grande importância, pois, a mulher no período em que sofreu as violências, o parceiro a desqualificava de todas as formas, através da violência psicológica e moral. Por essa razão ela necessita de uma ajuda externa que a auxilie a criar mecanismos para mudar sua realidade e superar as sequelas deixadas pelo processo de submissão às situações de violência (HIRIGOYEN, 2006).

Os grandes desafios enfrentados pela profissional são de auxiliar a vítima de violência doméstica na questão de abrigá-la em local seguro no primeiro momento da violência ocorrida, logo após garantir que levando em frente o boletim de ocorrência não mais sofrerá agressões. Outro desafio é a independência emocional e financeira que a vítima tem com o agressor, fazendo com que a mesma fique acorrentada, sendo sujeitada a constantes humilhações. Sem esse porto seguro, a vítima volta para a mesma condição de vida, pois não tem nenhuma garantia de que estará segura ou que possa garantir segurança aos filhos.

Geralmente o profissional de psicologia, que atua no âmbito da violência conjugal, deve possuir também conhecimento na área da psicologia jurídica, a qual é uma especialidade da psicologia que relaciona as práticas e os saberes psicológicos com a área do direito. Essa ligação entre as duas áreas aconteceu, pois tanto o psicólogo quanto o profissional da área de direito, trabalham no mesmo objetivo: o comportamento humano. O trabalho do profissional da psicologia aliado à área jurídica acarreta um grande crescimento no campo de atuação dessa área, já que a psicologia contribui para o campo investigativo, nas avaliações e nas perícias (ROVINSKI; CRUZ, 2009).

Vasconcellos (2016) concluiu que nem todos os profissionais atuantes em órgãos de assistência e de defesa às mulheres estão preparados para tal, há uma escassez em termos de recursos financeiros e humanos, as redes são desarticuladas, por isso, nem sempre é garantida a segurança efetiva das mulheres em casos de denúncias.

Os profissionais da Psicologia no seu espaço de trabalho contêm inúmeras informações e conhecimentos sobre os usuários aos quais ele atende. Através da pesquisa é possível conhecer e explorar os dados sobre a realidade cotidiana das mulheres que sofrem violência, utilizando-se dessas informações, é possível desenvolver um trabalho eficaz em defesa da mulher.

Todos os serviços da rede, identificados na Central de Atendimento à Mulher-Ligue 180, são disponibilizados para a população na página da Secretaria de Políticas para as Mulheres por tipo de serviço (serviços especializados no atendimento à mulher; serviços de atendimento geral; serviços de denúncia; serviços de informação, orientação e políticas públicas) e por unidade da federação/município, o que viabiliza a divulgação das redes estaduais e municipais de enfrentamento à violência contra as mulheres (BRASIL, 2011).

Esse estudo contribui com novos dados que poderão ajudar em novas pesquisas voltadas para as estratégias de enfrentamento à violência em mulheres, o presente trabalho é a obtenção de novos conhecimentos acerca de assuntos voltados à violência de gênero, obtidos por meio de pesquisas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É epidêmica a violência de gênero no Brasil e no mundo. As mulheres por muitos anos foram subjugadas e inferiorizadas, sofrem até hoje os resultados dessa visão patriarcal retrógrada que constantemente está enraizada na sociedade brasileira.

A violência contra a mulher é um persistente fenômeno histórico, social e cultural, que ainda hoje viola alguns direitos considerados inalienáveis ao ser humano, como o respeito à dignidade e à vida. Configura-se por relações de dominação, que se expressam na divisão sexual do trabalho e no patriarcado. Essa forma de violência não se restringe a determinada classe social e/ou etnia/raça, mas não está abstraída da dinâmica de desigualdades econômicas e étnico-raciais, típicas do capitalismo e profundamente enraizadas na formação social brasileira.

Dentre a diversidade de fatores que envolvem e se relacionam com a dificuldade de romper com um relacionamento abusivo e violento, podemos citar além do medo e da vergonha: o ideal de amor romântico difundido culturalmente e que faz com que as mulheres acreditem que toda sua felicidade está diretamente ligada a um relacionamento estável e feliz; as dificuldades financeiras, pois muitas são proibidas de trabalhar e, dessa forma, não possuem recursos para sustentar os filhos.

A violência de gênero pode manifestar-se por meio de violência física, psicológica, sexual, econômica e violência no trabalho. A violência sofrida pela mulher por parte de seu companheiro íntimo pode ser analisada através do Modelo Ecológico, que explica a estreita relação entre o indivíduo e seu entorno. Concluiu-se que é importante analisar os fatores que influem no comportamento das pessoas frente à violência para se estabelecer programas de ajuda.

O atendimento psicológico à mulher vítima de violência torna-se imprescindível, pois se deve trabalhar para reforçar a autonomia e resgatar a autoestima dela, trazer reflexões sobre a situação na qual ela estava e fazer com que ela passe a conhecer seus direitos. Por fim, a ausência de dados pode incorrer em maiores chances de falha na assistência às vítimas, visto que o tema é pouco difundido e debatido, considerando a sua magnitude e o seu impacto na saúde pública.

## REFERÊNCIAS

- AHMED, Sarah. **La política cultural de las emociones**. Traducción Cecilia Olivares Mansuy. Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2015.
- BARRETTO, R. S. **Psicóloga explica relacionamento abusivos: o que é e como sair dessa situação**. [Entrevista concedida a] Moema Novaes. **Repórter UNESP**. s/1, on-line, 2015. disponível em:< <https://bit.ly/3ckTBJ3>>. Acesso em 01 jun. 2020.
- BESERRA, M. A. et al. Prevalência e características da violência no namoro entre adolescentes escolares de Portugal. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 183-191, Mar. 2016.
- BITTAR, D.; KOHLSDORF, M. Ansiedade e depressão em mulheres vítimas de violência doméstica. **Psicologia Argumento**, v.31, n.74, 2013.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres Secretaria de Políticas para as Mulheres**. Presidência da República. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.
- BRASIL. **Ministério da Saúde. Sistema de informações de agravos de notificação. Violência doméstica, sexual e /ou outras violências**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Centro de Referência Técnica em Psicologia e Política Pública (Crepop). Referências técnicas para atuação de psicólogas (os) em Programas de Atenção à Mulher em situação de Violência**. Brasília: CFP, 2012.
- COSTA, C. B. da; CENCI, C. M. B. A relação conjugal diante da infidelidade: a perspectiva do homem infiel. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 19-34, jun. 2014.
- INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. **Dossiê: Cultura e Raízes da Violência Contra a Mulher**. 2016. Disponível em:<<https://bit.ly/2XKUeWY>>. Acesso em: 1 jun. 2020.
- DUTRA, E. Considerações sobre as significações da psicologia clínica na contemporaneidade. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 9, p.381-387, 2014.
- FARIA, R. Violência doméstica contra a mulher. **Utilitá**. 11 de fevereiro de 2016. Disponível em:< <https://www.utilitaonline.com.br/2016/02/11/violencia-domestica-contramulher/>>. Acesso em: 1 jun. 2020.
- HIRIGOYEN, M. F. **A Violência no Casal: da coação psicológica à agressão física**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. Fundamentos de metodologia científica. 6. ed. 5. reimp. São Paulo: Atlas, 2010.
- LEÃO, B.M. et al. Relacionamento abusivo: o patriarcado e suas influências na atualidade. **Revista Eletrônica materializando conhecimentos**, [S.I.:s.n.], v. 04, p. 1-19, 2017.

MARTINS, V. M.; BARTILOTTI, C. B. “Acabou comigo como pessoa” A caracterização da violência doméstica a partir da percepção de mulheres violentadas. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, v. 16, n. 108, p. 41-61, 2015.

MARQUES, T. M. **Violência conjugal: estudo sobre a permanência da mulher em relacionamentos abusivos**. 303 f. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2005. Disponível em:< <https://bit.ly/2XNke47>>. Acesso em 1 jun. 2020.

MURTA, S. G. et al. Prevenção à violência no namoro e promoção de habilidades de vida em adolescentes. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 263-288, Aug. 2013.

OLIVEIRA, G. C. C. de; PAES, M. S. L. Violência de gênero contra a mulher: a vivência deste fenômeno. **Revista Enfermagem Integrada – Ipatinga: Unileste**, v. 7, n. 1, jul./ago. 2014.

SILVA, E. P. et al. Incidência e fatores de risco para violência por parceiro íntimo no período pós-parto. **Revista de Saúde Pública**, v. 49, n.46, p. 1-9, 2015.

SILVA, C. **Primeiras impressões sobre o feminicídio** – Lei nº 13.104/2015. Disponível em:< <https://bit.ly/3cnRC6A>>. Acesso em: 01 jun. 2020.

SOARES, B. M. **Enfrentando a Violência contra a mulher**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005.

SOS MULHER E FAMÍLIA. **Sinais de Relação Abusiva**. 2016. Disponível: <http://www.sosmulherfamiliauberlandia.org.br/>. Acesso em: 25 maio 2017.

TELES, L. E. B. et al. Violência doméstica e suas diferentes manifestações. **Revista de psiquiatria do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, v. 25, p. 9-21, 2018.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil**. Brasília: Flacso, 2015.

VASCONCELLOS, N. M. A. **A violência contra a mulher: uma análise dos desdobramentos da denúncia na cidade de Vitória/ES**. 2016. 89 f. Tese (Mestrado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fiocruz, Rio de Janeiro. 2016.